

Ciências Sociais Unisinos

ISSN: 1519-7050

periodicos@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

Cabral, Sueli Maria; Bongiovanni Ribeiro, Neusa Maria; Alves Santos, Geraldine

A respeito da identidade e de sujeitos estigmatizados

Ciências Sociais Unisinos, vol. 53, núm. 1, enero-abril, 2017, pp. 128-135

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

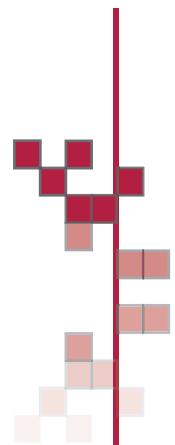
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93851195014>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

A respeito da identidade e de sujeitos estigmatizados

Regarding the identity and subject stigmatized



Sueli Maria Cabral¹
suelimariacabral@gmail.com

Neusa Maria Bongiovanni Ribeiro¹
neusaribeiro@feevale.br

Geraldine Alves Santos¹
geraldinesantos@feevale.br

Resumo

O presente trabalho analisa a relação entre identidade e os estigmas que estão conexos às pessoas que de alguma forma estão relacionadas com o lixo, dando ênfase às marcas traçadas nos estudos referentes aos sujeitos contemporâneos e suas identificações, diante das próprias transformações sociais. Os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa foram os seguintes: do ponto de vista da forma da abordagem do problema, optou-se pelo paradigma qualitativo; quanto aos seus objetivos, a pesquisa possui uma proposta explicativa e, como procedimento técnico, foi adotada a pesquisa de campo. Para analisar os depoimentos colhidos a partir dos fundamentos da Teoria das Representações Sociais, utilizaram-se os principais pressupostos do método do Discurso do Sujeito Coletivo. Por fim, percebeu-se, ao final do estudo, que o trabalho realizado com o lixo impacta na constituição de seus processos de identificações de forma emancipatória.

Palavras-chave: *identidade, estigma, lixo.*

Abstract

This paper analyses the relation between identity and the stigmas which are connected to the people that somehow deal with trash, emphasizing features in the studies related to the contemporary subjects and their identifications, within their own social transformation. The methodological procedures adopted were: from the point of view of the form of the problem's approach, a qualitative paradigm was chosen; with regards to their objectives, the research has an explanatory approach, and as a technical procedure, the field research was chosen. In order to analyze the testimonials collected from the Social Representation Theory, the main features of the Collective Subject Approach methodology was used. Finally, it has been noticed that working with trash has an impact on the constitution of its processes of emancipation and identification.

Keywords: *identity, stigma, trash.*

¹ Universidade Feevale. ERS-239, 2755, 93525-075. Novo Hamburgo, RS, Brasil.

Introdução

Ao se trabalhar, neste artigo, com o tema identidade, o que se quer é reafirmar, entre os conceitos e discussões feitas por diferentes autores, as marcas traçadas nos estudos referentes aos sujeitos contemporâneos e suas identificações, diante das próprias transformações sociais.

A contemporaneidade é marcada por novas contingências e incertezas, as quais possuem uma complexidade assinalada, no caso específico deste estudo, por *identidade social deteriorada* (Goffman, 1988) dos sujeitos estigmatizados, estranhos, figuras de desordem (Balandier, 1997), consideradas e compreendidas como de menor valor social.

A partir de pesquisa realizada com um grupo de sujeitos que trabalham na Cooperativa de Trabalho de Recicladores, localizada na região metropolitana de Porto Alegre, pode-se compreender melhor os processos ocorridos a partir das identidades/identificações dos trabalhadores, suas individualidades e o que se permitem expor e trocar coletivamente em um espaço de pertencimento que tenta romper a barreira do estigma.

Identidade e estigma

Cabe ressaltar que Goffman (1988) discute a questão da relação identidade e estigma em sua obra "Estigma – notas sobre a manipulação". Nela, o autor apresenta como a sociedade estabelece modelos de categorias, o que acaba por catalogar os sujeitos conforme os atributos considerados comuns e naturais por outros membros – concomitantemente, determina os atributos e, por consequência, as categorias a que os sujeitos devem pertencer.

Afirma o autor (1988, p. 4):

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com "outras pessoas" previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua "identidade social" – para usar um termo melhor do que "status social", já que nele se incluem atributos como "honestidade", da mesma forma que atributos estruturais, como "ocupação".

O sujeito estigmatizado possui duas identidades: a real e a virtual. A identidade social virtual ou o que a pessoa deveria ser, preenchendo as expectativas apresentadas pelo outro [estranho] ao ambiente social em que é apresentado, de modo rigoroso; a identidade social real ou o que a pessoa realmente é, com a categoria e atributos que a pessoa prova ter. Assim, uma dada característica [ou condição] pode ser um estigma

quando não há conexão entre a identidade social virtual e a identidade social real (Goffman, 1988).

Nesse sentido, sobre as identidades real e virtual, é possível afirmar que o processo de estigmatização ocorre em função da relação contraditória entre os atributos e os estereótipos dessas duas instâncias. Os considerados normais ou "aceitáveis" criam estereótipos distintos dos atributos de um determinado sujeito ou grupos de sujeitos delegando, a estes, um *status* profundamente depreciativo (Goffman, 1988).

O estigma forja, portanto, uma relação impessoal com o outro, tratando-se de uma representação daquilo que se percebe como diferente, o que produz um aviltamento na vida do sujeito. É bom lembrar que, para os sujeitos estigmatizados, a própria sociedade reduz as oportunidades em todas as instâncias, em função de uma imagem deteriorada, estruturada de acordo com o modelo do que é bom, do que é normal e do que convém à sociedade.

Para o autor, a identidade dos estigmatizados destrói atributos e qualidades do sujeito e a própria sociedade confere a rejeição, o que pode levar o sujeito a um sentimento de profunda perda de confiança em si. Dessa forma, reforça o elemento simbólico, segundo o qual esses sujeitos são incapazes e danosos à comunidade, o que, sem dúvida, fortalece os caminhos da própria exclusão social.

Cabe ressaltar que há uma questão proeminente quando se discute identidade: a relação paradoxal da identidade pessoal e a *identidade para os outros*, uma não sobrevive sem a outra, constituídas por um processo não linear e altamente instável, na medida em que

em primeiro lugar, cada um de nós pode recusar uma identificação e se definir de outra forma e, por outro lado, sendo um processo construído socialmente, muda de acordo com as mutações sociais dos grupos de referência e de pertença a que estamos ligados, conforme estes alteram as suas expectativas, valores influentes e configurações identitárias (Santos, 2005, p. 123).

Tal ideia complementa-se à de liquidez elaborada por Bauman (2005a, 2005b), segundo a qual, nas sociedades contemporâneas, "seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e a da sociedade se alimenta e se revigoram mutuamente" (2005b, p. 7). Essa fluidez não permite a formação de modelos permanentes, alterando constantemente a forma de ser e de se estar na sociedade, uma vez que as sociedades se tornam obsoletas muito rapidamente, antes mesmo que alguns atores tenham a chance de apreendê-la.

O termo identidade foi assumindo duas – das mais importantes – formas teóricas distintas: a psicodinâmica e a sociológica. A teoria psicodinâmica, oriunda da teoria de Sigmund Freud sobre a identificação, entende a estrutura psíquica como uma identidade contínua, mesmo que geralmente conflitante.

Daí decorrem os termos 'crise de identidade' e 'crise pessoal', que entraram no uso comum, principalmente a partir dos estudos de Erik Erikson².

Para Hall (2000, 2004), é possível afirmar que a questão da identidade é um problema que se destaca na medida em que as identidades não mais se referem a grupos fechados ou, apenas, a identidades raciais/étnicas. Em um mundo incerto e em uma sociedade de risco, como afirma Beck (1997), há a presença constante de diversas contradições.

Por exemplo, a busca constante por informações aumenta juntamente com sua diversidade ou enquanto o aumento da tecnologia melhora a qualidade de vida. Situação essa que resulta em consequências sem soluções, havendo o que Beck chamou de irresponsabilidade organizada, uma vez que ninguém assume a responsabilidade pelas incertezas e riscos (Beck, 1997). Tal condição vem influenciando de forma brutal a construção das identidades, uma vez que, na modernidade líquida (Bauman, 2005a, 2005b), as identidades também se tornam instáveis.

As identidades tornaram-se híbridas, não mais atreladas *necessariamente* a um vínculo local, o que favorece a ideia de que as identidades são transformadas a partir de perspectivas, prioritariamente, individuais em processo de construção incessante e mutante, não sendo mais uma atribuição prioritariamente coletiva.

Na tradição sociológica, as obras de Goffmann (2003) e Berger e Luckmann (2003) merecem atenção. Goffmann (2003), em "A representação do eu na vida cotidiana", analisa as várias representações que o sujeito proporciona a si mesmo e às outras pessoas, os elementos pelos quais ele regula a impressão ou imagem que formam a seu respeito.

O foco de análise é dirigido para a interação face a face, utilizam-se, para tanto, metáforas oriundas do teatro para descrevê-las, ou seja, os sujeitos em situação de influência mútua '*simulam*', de forma similar ao realizado pelos atores em uma peça teatral. O autor igualmente utiliza outros conceitos relacionados com o teatro, como os de '*desempenho*', '*cenário*', '*expressão*' e '*plateia*'. Assim, discute as expectativas em relação ao comportamento dos outros existentes nas relações sociais e, em uma situação em que um sujeito é apresentado a outro, aponta que este prevê uma série de atributos daquele em acordo com os primeiros aspectos que aquele apresenta. O conjunto de tais atributos é denominado *identidade social* (Silva, 2008, p. 129).

Para Berger e Luckmann (2003), a identidade começa a nascer devido à localização que a pessoa tem em determinado grupo e em determinado estado social. Assim, os processos de formação da identidade e do acervo social do conhecimento são processos que acontecem simultaneamente na sociedade, portanto, ser um '*ser social*' é fazer parte do processo de interiorizar, subjetivar e exteriorizar, objetivar. Nesse sentido, a identidade é atribuída, sustentada e transformada socialmente, alterando a

vida social em uma complexa trama de reconhecimento e não reconhecimento.

Para os autores, o desenvolvimento da identidade social dá-se em duas etapas: a socialização primária, que acontece na infância, no âmbito da família e da escola, e a socialização secundária, que ocorre na adolescência e na vida adulta, em contato com inúmeras instituições sociais e corresponde à aquisição e à incorporação de diversos saberes.

Trata-se – a socialização secundária – da interiorização das instituições, que se constituem em realidades parciais, às quais se articulam (ou conflitam) com o mundo adquirido na socialização primária, apesar de não se sobrepor à identidade criada na socialização primária. Dessa forma, a socialização secundária acaba por admitir uma reelaboração, mudanças, novas regras e novos modelos relacionais.

Importantes contribuições sobre a questão da identidade também podem ser vistas em Hall (2000, 2004) e Maffesoli (1996, 2004, 2007a, 2007b). Ambos possuem uma proximidade ao afirmarem que há uma saturação na lógica clássica de se pensar a identidade. Para Hall (2000), as concepções de identidade se dividem em:

(a) *Sujeito do Iluminismo*: baseado em uma concepção do humano como um sujeito absolutamente "centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação" (Hall, 2000, p. 11); trata-se de uma definição individualista do sujeito e de sua identidade.

(b) *Sujeito sociológico*: a identidade, nessa concepção sociológica fortemente influenciada por G.H. Mead e pelos intencionistas simbólicos, é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. De acordo com Hall (2000, p. 12),

o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o 'eu real', mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais 'exteriores' e as identidades que esses mundos oferecem [...] A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, 'sutura') o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

(c) *Sujeito Pós-Moderno*: pela perspectiva do autor, na concepção do sujeito pós-moderno, não se pode falar de uma identidade, mas de várias, "algumas vezes contraditórias ou mal resolvidas" (Hall, 2000, p. 12). Aqui, o sujeito é visto como fragmentado, pois sua identidade resultada das *identificações* com o mundo exterior, que é "formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais é representado nos sistemas culturais que o norteia" (p. 13).

Trata-se, portanto, da saturação do sujeito tal como concebido pela modernidade, pois, no presente, é um sujeito descentralizado. Em uma articulação teórica que vai de Ernest Renan a

² Erik Homburger Erikson (1902-1994). Psiquiatra pelo desenvolvimento da Teoria do Desenvolvimento Psicosocial na Psicologia e um dos teóricos da Psicologia do Desenvolvimento.

Lacan, de Foucault e Althusser a Derrida, Hall (2004) propõe uma perspectiva analítica sobre identidades como algo *não idêntico-a-si-mesmo*, não permanente através do tempo. Trata-se, antes, de um longo processo, de identificação, ou seja, de uma articulação, de uma *sobreDeterminação*, e não de uma subsunção: trata-se de um processo nunca completo.

Contudo, cabe ressaltar que o processo da construção de identidades é algo com que o sujeito se deparará ao longo de sua vida inteira, trata-se de um longo e árduo percurso no qual estão envolvidas relações que serão feitas, refeitas e revistas pelos sujeitos. Aceita-se, portanto, a tese de Bauman (2005a), o qual compara o processo de construção da identidade a um quebra-cabeça, cujas peças serão encaixadas até se formar uma imagem compreensível e um todo significativo, sem ser permanente, uma vez que, embora as peças se encaixem, sempre faltará muitas peças, ainda que se substitua uma pela outra.

A identidade constitui-se, contudo, a partir de referências aos vínculos que ligam as pessoas umas às outras. Para o autor, o lócus da identidade – contemporânea – é o campo de batalha, da luta e da ambivalência, isso porque, ao mesmo tempo em que há uma luta contra a dissolução, há um nítido processo constituído e aceito pelo fragmento, pelo o que é imediato, pela constante decantação da vida, que, em um só tempo, une e divide.

Processo em constante construção

A busca de identidade é invariavelmente uma tarefa intimidadora 'de alcançar o impossível', uma vez que ela se revela como invenção e não descoberta; é um esforço, um objetivo, uma construção. É algo inconcluso e precário, sua fluidez está cada vez em maior evidência, há uma forte tendência para a construção de identidades individuais, não coletivas ou estáveis, oriundas, quiçá, pela própria crise do pertencimento (Bauman, 2005a).

Para Dubar (2005), o processo da constituição da identidade ou formações identitárias, considerando as várias identidades que assumimos, existe a partir das tensões e dos processos relacional (atos de atribuição) e biográfico (atos de pertencimento) que se compõem em momentos históricos específicos e em contextos simbólicos próprios.

O autor afirma que

a divisão interna à identidade deve enfim e, sobretudo ser esclarecida pela dualidade de sua própria definição: identidade para si e identidade para o outro são ao mesmo tempo inseparáveis e ligadas de maneira problemática. Inseparáveis, uma vez que a identidade para si é correlata ao Outro e ao seu reconhecimento: nunca sei quem sou a não ser no olhar do Outro. Problemática, dado que a experiência do outro nunca é vivida diretamente pelo eu de modo que contamos com nossas comunicações para nos informarmos sobre a identidade que o outro nos atribui (Dubar, 2005, p. 135).

Ainda em Dubar (2009), a noção de identidade é polimorfa, estando sempre ligada a domínios diferentes e, portanto, a diferentes concepções. Contudo, para o pesquisador, é possível

considerar dois tipos de posições: essencialista e societária ou psicodinâmica e sociológica.

A concepção essencialista ou psicodinâmica repousa em uma perspectiva mais balizada pela psicologia, na medida em que considera um eu interior com relativa autonomia. Realça uma estrutura psíquica estável, entendendo por identidade a aptidão de o sujeito permanecer o mesmo em meio à mudança constante. Assim, nessa acepção, a identidade é o que permanece para além das mudanças.

A outra compreensão (sociológica ou societária) tem a identidade como um todo, intrinsecamente ligada à época em que os sujeitos estão inseridos, são, como define o autor, processos de identificação historicamente variáveis, e se encontra em oposição à essencialista. Portanto, a identidade é o resultado de um processo de socialização, que compreende o entrecruzamento de processos relacionais em que os sujeitos são compreendidos e analisados uns pelos outros dentro de um sistema – de valores, normas e sentidos em que estão inseridos – e biográficos (que tratam da história, de habilidades e de projetos da pessoa).

Nesse contexto, entende-se importante a ideia do relacional na constituição das identidades segundo o autor, uma vez que, para ele, inclusive, a identidade tanto é atribuída quanto adquirida e esta atribuição e aquisição é construída pelo sentimento de pertencimento e é assimilada no processo de interação. Cada sujeito identifica-se com o outro no interior dos círculos de que participa, assim, sua identidade é fruto dos processos de articulação entre o processo biográfico (identidade para si) e o relacional (identidade para o outro).

Trata-se de um processo relacional, não idêntico nem permanente, mas é o resultado de um processo de identificação contingente composto tanto pela diferenciação – o que faz singular alguém ou alguma coisa ou a outro alguém, assim a identidade é a diferença – e pela generalização – o ponto comum a um conjunto de elementos diferentes. Dessa forma, a identidade também é a pertença comum.

A identidade de todo e qualquer ser empírico depende da época considerada, do ponto de vista adotado. [...] A identidade não é o que permanece necessariamente 'idêntico', mas o resultado de uma 'identificação' contingente. É o resultado de uma dupla operação linguística: diferenciação e generalização. A primeira é aquela que visa definir a diferença, o que constitui a singularidade de alguma coisa ou de alguém relativamente a alguém ou a alguma coisa diferente: a identidade é a diferença. A segunda é a que procura definir o ponto comum a uma classe de elementos todos diferentes de um mesmo outro: a identidade é o pertencimento comum (Dubar, 2009, p. 13, grifo nosso).

Esse processo de identificação, para o autor, pode ser resumidamente apresentado em dois êxitos: *biográfica e relacional para outrem e biográfica e relacional para si*.

(1a) *Biográfica para outrem*: para o autor, é do tipo comunitário, uma vez que designa a pertença a um grupo local e à sua cultura herdada (língua, crenças, tradições), é uma forma de vida intrinsecamente ligada a condições culturais.

(1b) *Relacional para outrem*: o processo de identificação está condicionado pelas suas interações dentro de um sistema (família, escola, Estado, etc.), assim, define-se pelos processos de identificação que estão vinculados à esfera da vida social. Trata-se do "Eu socializado" e seus diversos papéis assumidos, portanto, o eu plural.

(2a) *Relacional em si*: trata-se daquela que provém de uma consciência reflexiva, vincula-se a um processo de identificação presente na associação de pares que partilham o mesmo objetivo ou 'projeto', que possui um significado subjetivo.

(2b) *Biográfica para si*: sugere o questionamento das identidades atribuídas, ou seja, como cada um conta sua própria história sobre aquilo que ele é. Trata-se do *si narrativo*; cada um tem necessidade de ser reconhecido pelos outros significados e pelos outros generalizados.

É importante ressaltar que, para Dubar (2005, 2009), o Eu é uma expressão da dualidade entre os processos subjetivos e o social imbricado em mecanismos de identificação que utilizam categorias socialmente disponíveis. Assim, a identificação está ligada igualmente ao sentido de pertença com tudo e todos que o circundam (inclusive o território onde vive), mutante e temporal. Nesse sentido, a "identidade nunca é dada, ela sempre é construída e deverá ser (re)construída em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos duradoura" (Dubar, 2005, p. 135).

O processo relacional está justamente na impossibilidade de compreender a identidade como um elemento auto referido, ela necessita da diferença e vice-versa. Tais diferenças permitem o reconhecimento e a demarcação mesmo que incompleta 'de quem sou'. Por exemplo, o sujeito, ao afirmar que 'é paulistano', em um espaço fora das fronteiras da cidade de São Paulo, demarca uma diferença e um reconhecimento, ambos em um processo relacional (Gioielli, 2005).

Nesse sentido, acredita-se que o que vem ocorrendo seja um processo de desconstrução da *ordem tradicional*, dos dispositivos de pertença social e de referência simbólica. Assim, emerge no tecido social um conjunto de *possibilidades relacionalis* que fomentam novas formas de ser, de estar, de ser visto e de viver a sociedade atual.

Não se trata, portanto, de um ponto de partida ou de chegada, trata-se antes de um processo. Talvez seja essa a razão por que alguns autores, em especial Maffesoli (1996, 2004, 2007a, 2007b), propõem o termo 'identificação' no lugar de 'identidade'. Isso porque, para o autor, o termo 'identificação' possibilita a compreensão de um processo mutável e inacabado, o que, sem dúvida, vem constituindo a dinâmica identitária dos sujeitos. O autor comprehende a lógica da identidade alicerçada na saturação do individualismo contemporâneo, além de que esta lógica – a da identidade – tornou-se demasiadamente rígida, impedindo de se verificar novas realidades, tais como o reino das aparências e a pregnância da imagem. Nesse sentido, a lógica da identificação é um processo pertencente a um sujeito compositório e complexo. Um processo, que designa os outros em *torno de mim mesmo ou os outros em mim-mesmo*, a noção de sujeito sai do status egocêntrico ou da ilusão

ontológica. É em função dessa perspectiva que o autor fala do processo de identificação.

Sob estas perspectivas, acredita-se se importante que ao utilizar os termos identificações ou identidades tenha-se em mente que é necessário pensar estes conceitos a partir natureza das relações sociais contemporâneas, que tecem laços menos tradicionais e muito mais flexibilizados, o que oportuniza que outras subjetividades apareçam e estejam mais próximas à experiência emocional. Subjetividades que se constituem a partir da experimentação, da intensificação do momento, da sensação e do prazer, em uma complexa rede de conexões, mais *sociativas* que *associativas*, mais plurais e maleáveis.

O discurso para romper o estigma

O estudo realizado teve como base metodológica a organização do Discurso do Sujeito Coletivo, com a realização de 28 entrevistas, mas consideradas/analisadas apenas vinte e quatro em função dos critérios admitidos: (a) o aceite para a participação na pesquisa e (b) estarem na cooperativa em um período não inferior a seis meses.

O método do Discurso do Sujeito Coletivo foi utilizado para compor um discurso, finito e temporal, que contemporizou o sentido comum das falas dos sujeitos entrevistados. O resultado final não é uma narrativa comumente vista, ou seja, um texto coeso com início e fim. Trata-se, em síntese, antes de uma compilação das *Ideias Centrais (IC)*, *Expressões Chaves (ECH)* e que foram agrupadas por perguntas e posteriormente por categorias (Lefèvre e Lefèvre, 2005; Lefèvre et al., 2000).

De acordo com seus criadores, o Discurso do Sujeito Coletivo possui figuras metodológicas centrais, a saber: expressões-chave, ideias centrais e ancoragem.

Expressões-chave (ECH) são trechos do discurso coletado que acabam por revelar a essência do conteúdo das representações ou das teorias subjacentes a elas. As expressões são parte essencial da análise e constituem os recortes do discurso.

Ideias Centrais (IC) são a descrição sintética do sentido das palavras do entrevistado, não constituem, contudo, uma interpretação, mas uma descrição, revelando o que foi dito.

Todo processo de análise do DSC considera o discurso de sujeitos que compartilham um espaço social ou de crenças e valores comuns indissociáveis do pensamento possível de ser coletivo – mesmo que, em uma temporalidade determinada – e procura compreendê-la sem fazer mutilações em favor de uma teoria ou outra.

No entanto, a narrativa constituída, mesmo seguindo uma cronologia, um enredo e "pequenas histórias dentro de uma história maior", como afirmam Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 92), tem sentido justamente naquilo que une esses pequenos fragmentos narrados.

Apresenta-se, assim, uma história temporal, espacial, finita e incompleta. Seu enredo é marcado pelo que foi dito e, muitas vezes, pelo que foi silenciado. Seu sentido e sua com-

preensão residem em 'lugares' imprevisíveis e não ordenados. Conta-se uma história que foi narrada por interlocutores e construída pela pesquisadora para além do esquema de perguntas-respostas. Dessa forma, conta-se essa história pelo seu movimento e pela sua complexidade, revelando representações e interpretações do mundo e das coisas da vida. E, portanto, aqui se apresenta recorte do discurso que objetiva-se rompedor do estigma sobre pessoas que trabalham com o lixo.

Quanto às entrevistas, para todas as perguntas que foram feitas em relação ao local de trabalho, utilizou-se a expressão "ARCA/COOTRE", isso porque a mudança de associação para cooperativa ainda é recente – e não de todo efetivada – e muitos entrevistados ainda referem-se ao seu local de trabalho como ARCA – Associação dos Recicladores.

A categoria – *identificação contingente* – é uma referência direta à compreensão de Dubar (2005, 2009) sobre *identidades*, uma vez que permite uma síntese do que foi compreensível durante o processo etnográfico: o que são é o resultado de singularidades que se correlacionam com elementos comuns, mas, essencialmente, o que são, não é permanente. A análise parte, portanto, do princípio de que suas vozes relatam um processo provisório de quem são, mas ressalta-se que, ora os interlocutores falam a partir de um lugar, ora falam de outro, que interditos ou não, coexistem no cotidiano de cada uma dessas vozes emprestadas.

A ideia do *que eu era antes* é a que surge com maior destaque na formulação do Discurso do Sujeito Coletivo sobre questões relacionadas a quem são ou como se constituem suas identidades, que, a priori, entendem-se como relacionais. "Fale-me sobre você" resulta em uma narrativa em que o grupo aparece como *um antes e um depois* da atividade exercida.

Apesar da positividade de algumas falas sobre quem são e sobre seus sonhos – geralmente realizações materiais ou a projeção de uma vida melhor para seus filhos – há, em alguns momentos, certa tristeza presente. Há sonhos (ou fantasias) não realizados, projetos inacabados, amores não vividos. O grupo, de modo geral, iniciou a atividade com o lixo, primordialmente, como um ardil empregado para amenizar as dificuldades de sobrevivência e isso, sem dúvida, é decisivo para compreender quem são, mas em absoluto os define.

Mas, afinal há algo que define *quem são*? A resposta para essa questão é um irrevogável não. Não há dúvida de que existe uma construção coletiva em relação aos processos identitários que não pode ser ignorada, uma vez que é fruto de uma relação temporal e espacial que dialogam entre si. Os entrevistados trocam valores que sustentam práticas que resultam em como se percebem, como trabalham e com quem querem trabalhar. Trata-se, assim, de uma forma de ser única, mas igualmente semelhante, ou seja, constroem suas identidades em um processo dialógico de identificações éticas e estéticas em campos que são igualmente de solidariedade, de conflitos e de resistências.

Nas narrativas, existem elementos linguísticos que expressam a existência de pontos comuns em relação às experiências vividas, tornando-as coletivamente plenas de sentido, como,

por exemplo, a recorrente alusão à presidente da cooperativa como causadora de mudanças na vida de parte do grupo entrevistado. Já citada anteriormente, ela ocupa um espaço que, por vezes, ultrapassa a fronteira da líder ou da amiga. Há uma aura messiânica envolvendo seu nome e suas ações.

Vivenciando uma perspectiva em que a "teoria ao se fazer prática ressignifica a própria teoria" (Zucchetti, 2002, p. 36), a vida desses sujeitos entrelaça sentimentos que vivificam a condição humana: nem bandidos, nem mocinhos, são, como diria Nietzsche (2003), "humanos, demasiadamente humanos". Pessoas que convivem com o bem e o mal, mas que, ao coexistirem pelo signo do estigma, da pobreza e da esperança, tornam-se promotoras de ações que não apenas fortalecem o que são e como são – mas suas respectivas singularidades. Mas, reforçam, igualmente, o próprio ideal do trabalho cooperativado, através, por exemplo, das reivindicações de melhores condições de trabalho ou de participações ativas em manifestações contra a incineração dos resíduos residenciais coletados.

A contribuição de Dubar (2005, 2009) novamente é importante, quando se percebe, por meio das narrativas, que os entrevistados partilham cotidianamente uma base comum de socialização, permitindo analisar o DSC a partir da noção de *identidade para si* e *identidade para o outro*. Dubar (2009) afirma que o processo de identificação ocorre através de uma interação dentro de um sistema vinculado à esfera social, o que confere aos sujeitos uma condição do "eu socializado" ou o "eu plural", um *eu relacional* que lhes confere tipos identitários abertos – não necessariamente fragmentados, nem conflitantes. Assim, considerando a perspectiva do autor temos o que segue.

Os processos de *identificações contingentes* podem ser desvelados da seguinte forma: (i) a *identidade para si* é representada pela importância que os entrevistados delegam ao esforço pessoal de estarem no espaço da ARCA/COOTRE, do comprometimento pessoal e profissional; (ii) a *identidade para o outro* é permeada pela própria interação que ocorre no cotidiano do trabalho, pelas experiências trocadas, pelos objetivos partilhados. Dubar (2005) também aponta que, para chegar às formas identitárias, é preciso iniciar a aproximação através das *representações ativas*, ou seja, de elementos que estruturam o discurso dos indivíduos que possibilitam a afirmação de um processo identitário reconhecido. Os entrevistados constroem e promovem um saber legítimo que permite uma afirmação de quem são ou, como o autor denomina, (mesmo que provisória), de uma identidade reconhecida.

Igualmente, há nesse processo, uma presença não apenas do passado (o que fui, o que fiz, etc.), mas de futuro, como uma orientação estratégica para projetos *do vir a ser* sem deixar de interiorizar trajetórias vividas e, por fim, há uma estreita relação com a linguagem para descrever situações vividas, que articulam coerções externas bem como desejos internos (Dubar, 2005).

Contudo, o que são, nesse momento, é vivenciado por uma vontade comum, em um ambiente que objetivamente os acolhe e em que passam a projetar suas ações. Não apenas por isso, mas também em função disso, a solidariedade e a respon-

Quadro 1. Síntese do discurso do sujeito coletivo-identidade. Categoria: identificação contingente.
Chart 1. Synthesis of the discourse of the collective subject-identity. Category: contingent identification.

| Ideias centrais | Expressões chaves | DSC |
|--|--|---|
| "O que era antes e o que sou agora" | "Antes eu não pensava direito. Depois que vim para cá e conheci algumas pessoas estou mais centrado, comecei a pensar mais longe, fazer coisas mais diferentes. E sou um cara diferente hoje, mais tranquilo, mais amigo." | <p>Eu sou só um cara, um cara com muita sorte, poderia estar morto agora, mas tive sorte. Sou um cara que trabalha, num bebo, só fumo. Tenho uma família, tenho amigos. Às vezes, sou muito emotivo, às vezes, sou bravo, mas, na maioria das vezes, sou um cara comum com sonhos, esperança. Eu acho que eu sou do bem, assim não é que sempre eu sou a mesma coisa. A gente se modifica. Eu não sou a mesma coisa aqui e a mesma coisa discutindo com os caras da Prefeitura, por exemplo, a essência é mesma, mas a gente acaba mudando a forma de falar, até de pensar algumas coisas. Não sei se você me entende. Por exemplo, um dia talvez eu queira ser presidente, mas não agora. Ah, todo mundo diz que eu mudei depois que eu vim trabalhar na ARCA ou COOTRE ou com o lixo (risos). Eu, no caso minha mãe, meus tios e primos acham que eu mudei bastante, depois que eu vim pra cá. Até o modo de conversar e se expressar mudou.</p> <p>Eu sou uma mulher que dá valor para o trabalho de reciclagem, uma vez que fez com que a depressão fosse embora. Que eu me visse mais bonita. O lixo pode ser feio pra muita gente mais me embelezo. Sabe como é? Ele me fez ter valor. Então eu sou uma mulher com valor e recicladora.</p> |
| Mudanças pessoais e profissionais a partir do trabalho com o lixo e com as pessoas que lá estão. | "Eu me tornei o que sou com o processo de trabalho aqui, mas não é só o trabalho, são as pessoas com que eu convivo diariamente." | <p>Eu sou um cara que não teve muita sorte na vida ou não soube aproveitar. Depois que vim trabalhar aqui na ARCA, minha vida melhorou e eu melhorei. Agora eu sou uma pessoa que pensa no que faz e tenho amigos. Isto me fez ser quem eu sou hoje. Então, eu sou uma mulher que ama o que faz. Eu me descobri trabalhando e sou uma pessoa melhor depois que eu comecei a trabalhar aqui. Tenho amigos, tenho um objetivo e tenho um futuro. Eu me tornei o que sou com o processo de trabalho aqui, mas não é só o trabalho, são as pessoas com que eu convivo diariamente.</p> <p>Sou mulher, mãe, amante, sou também trabalhadora. Eu gosto de trabalhar aqui e, quando não estou aqui, eu gosto de limpar a casa, gosto de ter um tempo com as crianças, assistir filme, filmes de terror. Gosto também de filme de amor. Eu gosto, apenas é que eu tenho vergonha. Gosto de olhar só eu e ele [marido]. Assim, escondido, sem ninguém ver. Eu mudei muito aqui, por causa das pessoas. Eu me tornei uma pessoa melhor, mais aberta e até mais inteligente.</p> <p>Eu sou um cara que tenho sonhos. Quero ter minhas coisas. E quero ter sem precisar roubar ou traficar. Quero comprar meu carro, comprar minha casa, ter roupa legal. Aqui estou quase conseguindo isto. Os caras e a gurias aqui se ajudam. Aqui no trabalho, tô conseguindo alguma coisa, sou um cara que quer ser feliz. Olha, eu sou o cara que o lixo mudou. Eu sou o cara que a ARCA mudou. As pessoas acham que, porque trabalho no lixo, estou morrendo de fome. Não! Nem sabem o que a gente tira do lixo, que vocês tocam fora e que a gente ganha. Eu já disse que sem isto aqui eu fico perdido. Eu sou que sou hoje, porque estou aqui. Aqui me sustenta em todos os sentidos.</p> |

sabilidade compartilhada com o outro, passam a ser como combustível para as práticas sociais emancipatórias que promovem o desenvolvimento da individualidade.

A compreensão do DSC passa, mais uma vez, por Maffesoli (1996), cujo conceito de *identificação* se vincula à ideia de um sujeito compositório e complexo, que não possui uma identidade fixa e estável. São pessoas com identificações múltiplas desempenhando seus diferentes papéis dentro do contexto social. Assim, a partir da perspectiva *maffesoliana*, os processos de identificação são construídos tanto no mundo material quanto no simbólico e essas duas dimensões entram em correspondência uma com a outra, criando a possibilidade de certa unicidade na vida social, há um processo que se forma a partir do relacionamento com os outros e com os *mundos* à sua volta.

Considerações finais

Entre os homens e mulheres entrevistados, há uma proximidade afetiva que produz, não apenas interações carregadas de afeto, mas igualmente impregnadas de tensão e esse processo de sociação, que acontece por meio de elementos tangíveis e não tangíveis, difunde códigos de convivência do grupo, contribuindo para suas múltiplas identificações e para o desenvolvimento de suas inúmeras potencialidades.

Notou-se, igualmente, que pertencer a uma cooperativa promove uma distinção em relação aos demais trabalhadores de materiais recicláveis – em especial, os trabalhadores do 'Morro'. A cooperativa aparece como um símbolo de *status*, de orgulho, e que acaba por enaltecer a posição social do catador/reciclador.

Nesse sentido, inclusive, o uniforme e o crachá – uso obrigatório quando estão fazendo a coleta nas residências – convertem-se igualmente em símbolos de integração ou de igualdade social em relação a outros trabalhadores, ou seja, combatem os estigmas e criam modelos identitários a partir da explicitação do que fazem.

Uma estação possível que acabou por se configurar em um espaço de acolhimento e de esperança, influenciando decididamente em como os sujeitos são e/ou como se percebem, um processo compreendido neste estudo como *identificações contingentes*.

Mais do que se refletir sobre os processos de convivência do grupo de trabalhadores observado na pesquisa realizada, e levantar-se as 'histórias de vida' ali registradas, verificou-se elementos elaborados em outros estudos em que a constituição das identificações dos sujeitos envolvidos com o trabalho da reciclagem de materiais do lixo estão carregadas de uma reciclagem de seu processo de pertencimento não só ao mundo do trabalho, mas à vida social que todo cidadão busca.

Em síntese, percebe-se que as práticas cotidianas de identificação e pertencimento têm exigido a necessidade constante de revisitá-la temática, uma vez que a própria transformação do conhecimento incita a reposicionar a questão diante das novas perspectivas teóricas que surgem.

Referências

- BALANDIER, G. 1997. *A Desordem - Elogio ao Movimento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 261 p.
- BAUMAN, Z. 2005a. *Identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 55 p.
- BAUMAN, Z. 2005b. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 176 p.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. 2003. *A Construção Social da Realidade*. 26ª ed., Petrópolis, Vozes, 247 p.
- BECK, U. 1997. *World risk society*. Malden, Polity Press, 184 p.
- DUBAR, C. 2005. *A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo, Martins Fontes, 332 p.
- DUBAR, C. 2009. *Crise das Identidades. A interpretação de uma Mutação*. São Paulo, Editora Universidade, 206 p.
- GOFFMAN, E. 1988. *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 158 p.
- GOFFMAN, E. 2003. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. 11ª ed., Petrópolis, Vozes, 236 p.
- GIOIELLI, R.F.P. 2005. *A Identidade Líquida A experiência identitária na contemporaneidade dinâmica*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 127 p.
- HALL, S. 2000. Quem precisa de identidade? In: T.T. SILVA (org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Vozes, p.103-133.
- HALL, S. 2004. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6ª ed., Rio de Janeiro, DP&A, 103 p.
- JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. 2002. A entrevista narrativa. In: M. BAUER; G. GASKELL (orgs.), *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis, Vozes, p. 90-113.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C.; TEXEIRA, J.J.V. 2000. *O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul, EDUCS, 138p.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. 2005. A soma qualitativa. Disponível em <http://www.fsp.usp.br/quali-saude>. Acesso em: 05/05/2012.
- MAFFESOLI, M. 1996. *No Fundo das Aparências*. Petrópolis, Vozes Editora, 350 p.
- MAFFESOLI, M. 2004. *Notas sobre a pós-modernidade: O lugar faz o elo*. Rio de Janeiro, Ed. Atlântica, 115 p.
- MAFFESOLI, M. 2007a. *O conhecimento comum*. Porto Alegre, Sulina, 295 p.
- MAFFESOLI, M. 2007b. Tribalismo pós-moderno: da identidade às identificações. *Ciências Sociais Unisinos*, 43(1):97-102. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/5652/2857. Acesso em: 12/12/2014.
- NIETZSCHE, F.W. 2003. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo, Companhia das Letras, 320 p.
- SANTOS, C. 2005 Construção Social do Conceito de Identidade Profissional. *Interacções*, 8:123-144. Disponível em: <http://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/download/145/149>. Acesso em: 10/10/2014.
- SILVA, P.V.B. 2008. Goffman, discípulo de Mead? *Intermeio*, 25:116-133.
- ZUCCHETTI, D.T. 2002. *Jovens: a educação, o cuidado e o trabalho como éticas de ser e estar no mundo*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 218 p.

Submetido: 15/09/2015

Aceito: 12/08/2016